

AUGUSTO DE SANTA RITA

# A ROSA DE PAPEL

MYSTERIO NUM CANTICO



EDICAO DE  
RENASCENCA PORTUGUESA  
LISBOA







.....  
São prestes a acordar  
O valle, a encosta e a vinha!  
.....

*Das Praias do Mysterio*

AUGUSTO DE SANTA-RITA.

.....  
E puz-me a scismar porque não haviam  
de fallar tambem o bafo da charneca, o trigo  
a resmalhar, o vento nos sobreiros... E fal-  
lam... O caso é saber ouvil-os. Fallam me-  
lhor do que nós que dizem coisas lindas!

*Da Triste Viavinha*

D. JOÃO DA CAMARA.

.....  
Negli aspetti dele cose più diverse ho saputo  
scoprire segrete analogie con gli aspetti della mia  
forma, e per un'arte nascosta indicarle alla mera-  
viglia degli uomini; e assogettare le ombre e le  
luci, come le vesti e i gioielli, a comporre l'orna-  
mento impreveduto e divino della mia caducità.

*Le Vergini delle Rocce*

GABRIELE D'ANNUNZIO.





A ROSA DE PAPEL

MYSTERIO n'um CANTICO

*DO POETA:*

1912—Árias, Rezas, Canções e Cantares—I serie (edição esgotada).

1916—Árias, Rezas, Canções e Cantares—II serie

(Com musica de D. Luiz de la Cruz-Quesada).

1916—Praias do Mysterio—Poêmas.

1917—A Rosa de Papel—Mysterio n'um cantico.

*EM PREPARAÇÃO:*

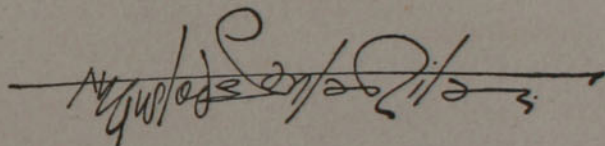
O Mundo dos meus Bonitos—Poêmas.

THEATRO LYRICO

# A Rosa de Papel

MYSTERIO N'UM CANTICO

Poêma Dramatico  
EM PROSA E VERSO  
ORIGINAL DE

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Augusto de Almeida', is written over a horizontal line.

Edição da  
"Renascença Portuguesa,"  
MCMXVII



D'esta edição fez-se uma tiragem especial  
de 3 exemplares em papel Whatman e 3 em papel Japão,  
numerados e rubricados pelo auctor.



A

*RUY COELHO*

em cujas mãos depuz este poema  
para ser musicado







Br  
 Fernando Pessoa  
 - Poeta que soumos. -

~~Augusto de S. J. 1914.~~

eu

XX.

III.

M. C. X. A. 1914.





*DRAMATIS PERSONÆ:*

Pierrot  
Colombina  
Corina  
Arlequim

Bacchus *e seu cortejo*  
*em que figuram:*

Pan  
Priapo  
Sileno  
Satyros  
Ménades  
Thyiades  
e bacchantes.

*Cidadella em Promontorio de Sonho*  
*entre a antiga Grecia*  
*e Roma*

Epocha indeterminada





## PROLOGO





## PROLOGO

*Que, ao erguer do 1.º panno,  
um actor, de casaca, dirá á bocca de scêna.*

N'um Promontorio de Sonho,  
Uma estranha Cidadella;  
Muralha ao fundo e cancella . . .  
O solo côr de medronho;  
Grande castello de ameias,  
Dorme a noite socegada  
E a praia sonha, emballada  
Pelo canto das sereias!

Como a lendaria Castalia,  
Que depois de morta surge . . .  
A antiga Grecia resurge  
No esplendor da velha Italia!  
Tomba a semente de Roma,  
Cai no solo . . . E eis que o embryão  
De novo se abre em botão  
Exalando um estranho aroma.

Um Pierrot endoidecido . . .  
Endoidecido de amor,  
Vai fallar da estranha flor,  
Que incarna um novo Sentido!  
Fazei por comprehendel-o  
Ó donas de Portugal,  
Pois traz na testa genial  
Lindo e prophetico sello!

Fazei por interpretal-o  
Com verdade, com justeza,  
Ó nobre Grey Portugueza,  
A quem venho apresental-o!  
E agora vamos sonhar  
O mesmo sonho encantado,  
Pois de um sonho assim sonhado  
Pode uma Patria acordar!

Vai fallar Pierrot propheta  
Por tudo o que não tem voz . . .  
E sonharmos todos nós  
O lindo sonho de um Poeta,  
Emquanto, á luz de candeias,  
Dorme a Noite, socegada,  
E a praia sonha, emballada  
Pelo canto das sereias!

CANTICO UNICO





## A ROSA DE PAPEL

MYSTERIO n'um CANTICO

*SCENARIO*—Promontorio de Sonho. Cidadella entre a antiga Grecia e Roma. Muralha ao F. com cancella e escada sobre um rio. Myriades de luzinhas e fôcos luminosos na margem opposta á muralha; mastros de navios por detraz d'esta e em maior quantidade junto da escada.

Á E, primeiro plano, a escadaria e terraço, em marmore, da casa de Colombina. O luar põe sobre o rio que se divisa apenas por entre a cancella uma faixa de prata. Tres ou quatro arvores do aspecto e da côr das arvores que conteem as "Arcas de Noé," — brinquedo de criança, com respectivo suporte. Solo côr de medronho — *Scenario de tons berrantes.*

Suspensa de uma trave horizontal, presa á extremidade d'outra vertical, uma linda esphera polychroma e brilhante de meio metro de diametro e por debaixo d'esta um cavallo de páu com um metro de altura.

. . . . .  
Tudo dorme na paz serenissima da Noite.

. . . . .  
Ao subir o segundo panno, Corina — aia de Colombina — sentada em baixa cadeirinha, ao fundo da escadaria de marmore, dóba cantando um estribilho, ao luar.

Pierrot, n'um extase, vela pelo somno das cousas.  
Corina tem o aspecto de uma bruxa lendaria.

. . . . .  
São vindas de ceus espirituaes as vozes de Colombina e Pierrot;  
Dos infernos da alma as de Corina e Arlequim.

\*





## CANTICO UNICO

### SCENA PRIMEIRA

CORINA, *dobando e n'uma toada:*

Doba... doba... doba... doba...

Doba... doba... dobadoira!...

O GRITO DAS SEREIAS, *no mesmo prolongamento  
rythmico e para lá da muralha:*

Iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... á... á... á!...

CORINA, *voltando o rosto:*

As sereias

Que inquietas estão esta noite!

*Continuando a dobar:*

Doba... doba... doba... doba...

Doba... doba... dobadoira!...

PIERROT, *depois de um longo extase*:

Corina, Corina! as cousas estão prestes a acordar...

CORINA, *impressionada*:

Que lembrança Pierrot! não; as cousas não acordam nunca!

PIERROT, *convicto*:

Hão-de acordar um dia! Um dia hão-de acordar!

CORINA, *com curiosidade*:

Quando?!...

PIERROT, *sem a olhar*:

Quando, não sei. Mas sei que hão-de acordar um dia. E n'esse dia...

CORINA

Pierrot, que acontecerá?!

PIERROT, *prophético*:

Eu serei contigo e tu serás comigo! E Colom-

bina... Colombina tambem! E eu e tu e Colombina  
seremos um Espirito só!

CORINA, *com incredulidade:*

Não! Tu és louco Pierrot; como pode isso ser?!...

PIERROT, *dogmaticamente:*

Pode. Pode pela attracção divina das almas, pela  
communhão dos seres, pela acção hypnotica do Amôr.

CORINA

Não comprehendo o que tu queres dizer!

PIERROT

Pelo motivo que me impelle para Colombina e  
Colombina se sente impellida para mim.

CORINA, *já indifferente:*

Doba... doba... doba... doba...

Doba... doba... dobadoiral...

O GRITO DAS SEREIAS, *no mesmo prolongamento  
rythmico:*

Iá!... iá... iá!... iá!... iá!... iá!... á... á... á!...



CORINA, *em rythmo sempre igual:*

As sereias

Que inquietas estão esta noite!

PIERROT, *enlevado no luar:*

Corina, a lua parece de prata. Colombina diz que a lua faz lembrar o meu rosto mas eu acho que a lua faz lembrar o rosto da Colombina. Colombina não se parece comigo; é mais bonita! Comtudo eu pareço-me com ella.

CORINA, *dobando:*

Doba... doba... doba... doba...

Doba... doba... dobadoira!...

PIERROT, *n'uma inquietação doentia:*

Doba! doba depressa, Corina! depressa, depressa;  
não acordem as cousas primeiro!

CORINA, *novamente impressionada:*

Que lembrança, Pierrot!

O GRITO DAS SEREIAS, *para lá da muralha:*

Iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... á... á... ál...

CORINA, *em rythmo sempre igual:*

As sereias

Que inquietas estão esta noite!

PIERROT

A lua parece que sonha! Pelos ermos solitarios, a esta hora, presinto Deus, somnambulo, que passa!...

CORINA, *rendida ao prestigio de Pierrot:*

Gosto de te ouvir; falla Pierrot! Tua voz tem o mysterio das fontes correndo, á noitinha, quando o crepusculo põe tons de velludo na penumbra em que ha musgo como rugas em meu corpo velhinho.

MURMURIOS NA FLORESTA, *ao longe:*

Hallali!... Hallali!... Hallali!...

CORINA, *em rythmo sempre igual:*

P'la floresta

Que rumor tambem vai esta noite!

PIERROT, *para a lua:*

Lua! branca ovelhinha pascendo n'um valle sagrado!  
Lua — acêno da Noite! Lua — pharol do Ceul Irmã de  
Colombina, Rainha dos astros, Avósinha dos Poetas,  
Madrinha dos Pobres!

MURMURIOS NA FLORESTA, *ainda distantes:*

Hallali!... Evohé!... Hallali!...

CORINA, *em rythmo sempre igual:*

A floresta,  
Buliçosa que está esta noite!

OS MURMURIOS, *mais proximos:*

Hallali!... Hallali!... Egypan!... Evohé!...  
Pan!... Pan!... Pan!... Evohé!... Hallali!... Hallali!...

PIERROT, *olhando á D. F., em saudação:*

É Dyónisos que passa... O cortejo sagrado!...  
Salvé!... ó deus do Vinho! Uma vez já raptado,



Bacchus, filho de Zeus, duas vezes nascido,  
Mil vezes vencedor, nem uma vez vencido!

SCENA SEGUNDA

O CORTEJO DE BACCHUS SEGUIDO DA SUA CÔRTE,  
*passando da D. para a E., fundo:*

Hallali!...

PIERROT, *enthusiasticamente:*

Salvé! Heróe dos deuses e gigantes!

O CORTEJO, *á passagem:*

Hallali! Evohé!...

CORINA, *olhando, deslumbrada, o cortejo:*

Os faunos, as bacchantes,  
As ménades, Sileno, thyiades e Pan,  
Que a Thebes vão soltar os hymnos da manhã!

PIERROT, *num arrebatamento:*

Vida, como eu te sinto e te adoro e te quero!

Prodiga Natureza, ó mãe! eu te venero!  
És fecunda em amôr, em ideais e anceios;  
— Ah! como é bom sugar o leite dos teus seios,  
Quer seja de luar, branco como o da ovelha,  
Ou quer seja de sol, doirado como a abelha  
Que vai buscar seu mel aos girasóis do Hymetto;  
Doirado como a luz ou a aza de um insecto! —  
— Natureza, que dás a todos de mammar,  
Teu leite é sempre puro e sempre salutar!  
Teu riso sempre leal, sempre bondoso e franco,  
Todo o Infinito, ó Mãe! se balança em teu flanco!  
— Teu jubilo pagão, feito de luz da Aurora,  
Ri em nós, ri no Ceu, ri pelos campos fóra,  
N'uma apothéose a Deus, agradecendo a Vida!  
Sobe ao cume da serra, ao campanario, á ermida...  
E eis que desperta as rans ao chapinhar nos charcos;  
Entra pela charneca e deixa a rir os marcos,  
Como dando o bom dia ao musgo, ao tôjo e á giesta;  
Entra p'la aldeia dentro e deixa a aldeia em festa!  
Até que um dia, enfim, um dia extraordinario,  
Acordem serra e charco, ermida e campanario!  
Até que um dia, enfim, um dia sempre Dia,  
Baixe á ephemera luz uma eterna Alegria!

O CORTEJO *desapparecendo*:

Hallali!... Hallali!... Egypan!... Evohé! ...

Pan!... Pan!... Pan!... Evohé!... Hallali!... Hallali!...

CORINA, *em rythmo sempre egual:*

- A floresta...

Clamorosa que está esta noite!

### SCENA TERCEIRA

PIERROT, *para Corina:*

Ah! Corina, Corina! como eu quizera ser o murmurio que passa... este murmurio! E esta lua e esta esphera brilhante e este cavallo de páu. Ser a reza rezada de mãos postas e a inconfidencia que se diz entre schiuts! de cautella e olhares de soslaio! Ser a Saudade da Colombina por mim e ser a camelia, no parque da Colombina, que a Colombina arrancasse e depuzesse no seio! Ser o adeus da Colombina, os gestos da Colombina, os sonhos da Colombina, a graça da Colombina, o amor da Colombina, a propria Colombina!

O CORTEJO, *já distante:*

Evohé!... Hallali!... Evohé!...



## PIERROT

...Tudo quanto me cerca e me não cerca! A terra em sua quentura e a semente em seu germinar! A recatada, humida e orvalhada ervinha, ignorada a crescer nos contrafortes do Hymetto e a arvore mais secular da Phrygia maravilhosa ou da Lydia encantada, onde ha riachos de leite, riachos de vinho e riachos de mel! Ser todo o pôrto do Pireu, á hora doentia das sombras, quando soltam os cães seus latidos ao luar e o cimo deslumbrante de Kopanas, á hora suavissima e magnifica em que os gallos despertam cantando e os rouxinões se calam! A Acropole magestosa e a Tumba do Propheta!...

## O CORTEJO

Evohé!... Hallali!...

## CORINA

A floresta...

Clamorosa que está esta noite!

## O CORTEJO

Evohé!... Evohé!...

PIERROT, *embriagado de volupia e sonho:*

Silencio! Cala ó Noite o teu rumor de sombra...  
Adormece na alfombra  
O teu murmurio, ó Vento!  
Calem a sombra e o luar seu enternecimento!  
Cale seu crepitar  
A evocação do lume, a lembrança das brazas!  
E o seu ar inquietante,  
De estonteante  
E contundente alegria,  
A frontaria  
Das casas!  
Calem-se os girasóis, as papoilas e as rosas,  
Cale o Ceu, cale a Terra, cale o Mar!  
Vai-te embora Papão de cima do telhado...  
Vento! deixa dormir tranquillamente as coisas  
Um somno descansado!...

O GRITO DAS SEREIAS, *para lá da muralha:*

Iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... á... á... á!...

CORINA, *retirando-se pela escadaria do terraço  
e em rythmo sempre igual:*

As sereias,  
Que inquietas estão esta noite!

PIERROT, *para o que o cerca:*

Antes que a mão de um deus sobre o teu leito aborde  
Teu somno, ó Natureza! antes que tudo acorde!  
Antes que a Esphinge eleve as palpebras aos astros  
E o Parthenon abrace um Deus com seus pilastros,  
Desafiando o Ceu com os seus capiteis,  
Quais dedos de gigante, envoltos por anneis,  
A sorrirem á luz o seu sorrir da armilla!  
Antes que o Inconsciente abra a sua pupilla  
E extendam para a luz todas as brancas lousas  
Seu mortal  
Avental,  
No gesto de despir...  
— Vento! deixa dormir tranquillamente as cousas...  
Não as acordes já! Vento, deixa-as dormir!



## SCENA QUARTA

ARLEQUIM, *que surge da E. F. ironicamente  
e rindo:*

Ah! ah! ah! Perdoai se me rio, Pierrot sonhador!  
Á boa fé, Pierrot, acreditais que as cousas dormem  
um somno de que hão-de acordar um dia?!...

PIERROT, *n'um ar superior, com profundo  
desdem:*

Podeis rir á vontade! Vosso riso só conseguirá  
tornar mais longinquo esse dia! Olhai, D. Arlequim,  
este cavallo de pau... Dizei se pelo seu ar de scisma,  
em sua expressão macabra, em seu perfil de Morte, não  
perpassa toda a Alma mysteriosa da Noite?! Olhai,  
D. Arlequim, aquella esphera brilhante! Dizei se em seu  
aspecto bizarro não parece concentrar-se, n'uma graça  
divina, toda a ignorada metaphysica dos mundos apenas  
presentidos. Olhai, D. Arlequim, as camelias no parque  
da Colombina, sob a influencia da lua... Dizei, D. Ar-  
lequim, se em cada petala não parece adormecida e  
prestes a acordar a hypotypose sensual de uma Alma  
mysteriosa?! No cheiro das camelias...

ARLEQUIM, *interrompendo-o,*  
*sarcasticamente:*

As camélias não teem cheiro, Pierrot!

PIERROT

Cheiram! E cheiram deliciosamente; vós é que não tendes olphato! Cheiram até as pedras do caminho. Meu proprio pensamento tem perfume! ...Vêde se na fachada da casa onde ella habita e na muralha sobre que estais sentado e no solo que eu pizo e nos rochedos alem... se em tudo, emfim! não perpassa e não paira o mesmo sorriso mysterioso da Esphinge?!...

ARLEQUIM, *com disfarçado rancor:*

Não! Vós delirais, Pierrot! São utopias. Tudo utopias somente!

PIERROT

Olhai! Vêde se em Colombina o Espirito da Noite e a Consciencia do Longe e a Alma da Planicie e o lyrio que n'ella cresce, — sorriso que n'ella inflora — não despertaram de ha muito!



ARLEQUIM, *com despeito e dissimulação:*

Vós amais Colombina?!...

PIERROT, *com grande orgulho  
e enternecimento:*

Colombina é a Graça! Colombina é a Formosura!  
Colombina é o Espirito dos espiritos santos! Redem-  
ptora das pedras que pisais e a salvação dos pecca-  
dos! N'ella acordaram para a Eternidade as manhãs;  
é sempre Dia! Colombina é o Sol e a Lua! Colombina  
é a rosa que nos enfeita e o trigo que em pão come-  
mos! N'ella tomou forma o sempiterno Desejo. Colom-  
bina é o fructo do pomar, em Julho, e a agua da fonte,  
em Agosto. O calor da lareira em Dezembro e a  
seducção dos abafos em Janeiro. N'ella o sonho attin-  
giu seu maior crescimento. N'ella floriu o sorriso em  
petalas de luz. N'ella o orvalho das manhãs chris-  
talisou em carinho. Colombina é o encanto da praia, a curva  
do littoral, a graça do musgo, a seducção dos fortes á  
beira-mar e a attracção dos abysmos. Colombina redi-



miu a Noite dos rebanhos ao passarem na planície em frente do pastor! Colombina é em meu labio a jura na Eternidade. Colombina é o Mysterio n'uma taça de prata!

ARLEQUIM, *com ironia e motejo*:

Não, Pierrot! Colombina não é o Mysterio n'uma taça de prata, nem a certeza da Eternidade em teu labio! Colombina não é a redempção da Noite dos rebanhos ao passarem na planície, em frente do pastor; nem o orvalho christalisado; nem o sorriso em petalas de luz! Colombina não é o trigo; nem a rosa; nem a agua da fonte; nem a graça do musgo; o fructo do Pomar ou o sempiterno Desejo! O calor da lareira ou a seducção dos abafos! Colombina não é a curva do littoral, nem o encanto da praia; a seducção dos fortes á beira-mar, nem a attracção dos abysmos! Pierrot! Colombina é tão somente a que me seduz e attrai! Essa que eu amo! Aquella que ha-de ser minha! Minha, minha e não tua, meu Poeta e sonhador, meu ingenuo rivall

## PIERROT

Como vos enganais, D. Arlequim! Colombina será apenas d'esse que ella escolher por seu eleito! Do que mais tiver n'alma a luz que do seu Sol dimana.

## ARLEQUIM

Eu portanto, Pierrot!

## PIERROT

Tu?! Pôço de treva! Ella o dirá!... Veremos!

## ARLEQUIM

Veremos, Pierrot, veremos!

*Retira pela E. F. cantarolando, ironicamente:*

Colombina redimiu  
Rebanhos de Sagramor...

Ah! ah! ah!...

Ao passarem na planicie  
Pela frente do pastor!

Ah! ah! ah!...

Diz Pierrot que ella é o sol,  
Mail-a lua que alem vemos!

Ah! ah! ah!...

E o rosa que nos enfeita  
Mail-o trigo que comemos!

Ah! ah! ah!...

*Mais sumidamente á medida que se afasta:*

Que Colombina é a praia  
E a curva do littoral...

Ah! ah! ah!...

E o Mysterio n'uma taça  
Feita de prata e christal!

Ah! ah! ah!

*PIERROT, dominando a Noite com o olhar:*

Ó sempiterno Dia em noite transitoria,  
Ao raiar do meu canto abre a tua Pupilla,  
Espreguiça-te e acorda á eterna Claridade!

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .



## SCÊNA QUINTA

COLOMBINA, *descendo a escadaria,*  
*ao encontro de Pierrot e rasgando com sua voz*  
*clarões na Noite:*

Pierrot!... Pierrot!... Pierrot!... com tua voz divina,  
Uma só voz se casa, a voz de Colombina!

PIERROT, *n'um grande deslumbramento:*

Pierrette, meu Amor, sê bem apparecida,  
Tu dás mais alma á Alma e dás mais vida á Vida!  
Junto de ti meu peito abre-se todo em festa;  
Sinto dentro de mim uma grande floresta  
Com centauros gentis, correndo atraz dos gamos,  
Com aves a cantar e o Sol a rir nos ramos...  
Pontes, torres, pharoes e adufas sobre o mar!

COLOMBINA, *rescendendo ternura:*

Pierrot... Pierrot... Pierrot...

PIERROT

Que estás tu a arrulhar?!...  
Rolinha branca, eu amo os teus arrulhos suaves!

COLOMBINA, *já no ultimo degrau,*  
*com muita suavidade:*

Pierrot... Pierrot... Pierrot...

PIERROT *cingindo-a, brandamente:*

Arrulhas como as aves!

COLOMBINA

Ó Pierrot, meu Pierrot, ouvindo a tua voz,  
Não me sinto no mundo, eu sinto o mundo em nós!

PIERROT

Vá... dize, arrulha, reza essa canção divina...

COLOMBINA, *n'um amoroso transporte:*

Eu amo-te, ó Pierrot!

PIERROT *com idolatria:*

Amo-te, ó Colombina!

*Pausa breve — a pausa de um desmaio:*

A tua bôcca é um cravo, um cravo côr do lume,  
Enches de aroma o luar, teu halito é perfume!

COLOMBINA

Tua respiração tão leve e delicada,  
Parece dar á Noite um ar de madrugada!

PIERROT

Não, lisongeira, não! Só tu tens a magia  
De fazer despontar rapidamente o dia!  
Fazes d'elle um setim e da noite um velludo.

COLOMBINA

Tu lanças a semente do mysterio em tudo!  
Em tua bôcca ardente as phrases christalinas,  
Lembram lindo pomar cheio de tangerinas!  
Teus olhos são pharoes illuminando o mar...

PIERROT, *interrompendo-a:*

Sim! o Oceano de Amor que tu trazes no olhar!

COLOMBINA

O teu perfil, Pierrot, um novo littoral...



PIERROT

Onde has-de inda aportar n'uma galera ideal!

COLOMBINA

Ha um novo alphabeto em tua graça inquieta...

PIERROT, *apontando para o longe:*

Que tu has-de apprender e ensinar ao' Propheta  
Que alem vai a prégar no tôpo da collina!

COLOMBINA

Eu amo-te, ó Pierrot!

PIERROT

Amo-te, ó Colombina!

COLOMBINA, *bebendo-lhe sofregamente  
o olhar:*

Meu Pierrot, teu olhar dá mais luar que a lua...  
Enche todo o meu Céu! Cada palavra tua...  
Liquida, essa tua voz dentro em meu peito escorre!

PIERROT

Pierrette, vem viver comigo n'uma torre,

N'uma torre tão alta e de tal forma esguia,  
Que tendo em baixo a Noite, em cima tenha o Dia!  
Vamos... vamos os dois, tu vens comigo, vens?!...  
Só tu me entenderás, tu meu Amôr, que tens  
N'um corpo de mulher uma Alma de menina!

COLOMBINA, *n'um transporte de amor:*

Eu amo-te, ó Pierrot!

PIERROT, *em igual transporte:*

Amo-te, ó Colombina!

*Breve pausa:*

COLOMBINA

Hontem ao aguardar-te e ao cahir da noitinha,  
Anciosa, reparei que n'esse instante vinha  
O luar, lindo! a subir... e então scismei, Pierrot,  
Se tu chegaste, então, só porque o luar chegou  
Ou se elle appareceu por te saber aqui?!

PIERROT

Não, nada d'isso! O luar veio apenas por ti!

## COLOMBINA

Tu que és Poeta, Pierrot, e que tens decorada,  
Em tu'alma, a impressão que produz a Alvorada  
Na planta, ao despertar do somno da raiz;  
Tu que sabes dizer o que ninguém mais diz!  
E me ensinaste já que a Esphinge adormecida  
É um deus de pé na Morte e o outro pé na Vida!  
E que n'este ar da Noite, estranho e surpreendente,  
O mesmo deus palpita os instinctos da gente;  
Dize-me, n'essa voz que toda em luar se expande,  
Porque tens tu por mim essa paixão tão grande?!  
Põe a tua menina outra vez na Berlinda  
E dize-me, Pierrot, uma vez mais ainda,  
Porque tens tu por mim essa paixão immensa?!...

## PIERROT

Porque te adoro?!...

## COLOMBINA

Sim, porque me adoras.

## PIERROT

Pensa;

Pensa que o saberás! Mas que pergunta a tua!  
—Porque tu és o Sol e eu apenas a Lua...



— Porque em teus olhos passa a Noite illuminada,  
E em tua bôcca, ideal, fez ninho a madrugada!  
— Porque não ha dormir sem o sonhar, — supponho! —  
E estou sempre a dormir e és tu sempre o meu sonho!  
— Porque n'esse teu ar, que só de ver consola,  
Ha canduras de lyrio e innocencias de rola!  
— Porque quando tu vens do teu terraço aqui,  
Terraço, lua, mar... tudo, tudo sorri!  
E se estendes o olhar sobre planicie ou monte...  
Logo presinto um deus no longinquo horizonte,  
Um deus, visão de luar, entre ruinas e escombros!  
Porque quando tu pões as mãos sobre os meus hombros  
E em seu arame d'oiro a Alma se equilibra,  
Minha Pierrette, em mim tudo estremece e vibra  
N'aquella ancia immortal do que nunca se attinge!  
— Amo-te, porque em ti ha o Mystério da Esphinge!  
— Amo-te, porque tu és como um lago, qu'rida,  
Onde um deus se narcisa e se contempla a Vida!  
E porque em tua voz esse deus mysterioso,  
Agita-se e depois em mim fica em repouso  
Como n'um buzio o Mar echoando inda em surdina!

COLOMBINA, *n'um crescente amoroso:*

Eu amo-te, ó Pierrot!

PIERROT, *voluptuosamente:*

Amo-te, ó Colombina!

## O GRITO DAS SEREIAS

Iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... á... á... á!...

CORINA, *que tendo vindo ao terraço,  
se debruça olhando Colombina, para logo se retirar:*

As sereias,  
Que inquietas estão esta noite!

A VOZ DE ARLEQUIM *occulto, para as sereias:*

Eh! sereias, sereias,  
Não fazeis hoje mais do que gritar, gritar!  
Vós que tendes por leito as macias areias  
E por niveo lençol toda a espuma do mar!

*Em mais alta exclamação:*

Eh! sereias, sereias,  
Não fazeis hoje mais do que gritar, gritar!...

PIERROT, *solemne, olhando á E. F.:*

Quem será o profano, o espirito imprudente,  
Que assim vem maculando  
A quietíssima paz da noite adormecida,  
Com seus blasphemos brados  
Enchendo de pavor e de algido arripio  
O Mysterio que espreita occulto na penumbra?!...

## COLOMBINA

É a voz de Arlequim, o prosaico Arlequim,  
Deixa-o lá blasphemar, pensa somente em mim!

*Breve pausa:*

Hontem ao luar, Pierrot, busquei, para te dar,  
Uma flor, a mais bella! uma flor singular;  
Aquella que melhor se casasse contigo!

## PIERROT

Essa flor és tu só, meu sonho e meu abrigo!

## COLOMBINA

Corri todo o jardim, ao canto das sereias,  
Mas afinal, Pierrot, vi que eram todas feias!  
Corri-o todo ao luar e por fim desisti;  
Por mais bella, a melhor, era indigna de ti!  
Fui para casa e fiz uma rosa em papel,  
Dizendo para mim: — esta merece-a elle! —

*Chamando, em direcção ao terraço:*

Corina!

*Para Pierrot:*

Tu vais vê-la! Em seu redor dormita...



## SCENA SEXTA

CORINA, *assomando ao terraço:*

Colombina...?!

COLOMBINA, *sem a ouvir:*

...Um Mystério; uma graça infinita!

CORINA, *novamente:*

Colombina...?

COLOMBINA, *sem attentar em Corina:*

Vais vê-la! Enleio que deslumbra!

Um não sei quê bizarro! Um mixto de penumbra,  
De Saudade e de Amor que cai n'alma e domina,  
Um sol por madruguar...

CORINA, *insistentemente:*

Chamastes, Colombina?...

COLOMBINA, *reparando em Corina:*

Sim, Corina, chamei. Traze-me a flor que eu fiz...

CORINA

Bem sei; aquella flor que me affirmais que diz...

*N'um esforço de memoria:*

Já me não lembra o quê!... que falla silenciosa.

COLOMBINA

Essa mesma.

CORINA, *retirando-se e a sós consigo:*

Uma flor que é tal qual uma rosa!

SCENA SETIMA

COLOMBINA, *para Pierrot:*

Flor que diz, sem fallar, tudo o que mal pensamos,  
Mas sentimos em nós, porque bem nos amamos;  
Flor que para dizer não precisa ter voz  
Porque somos nós n'ella e porque é ella em nós!

PIERROT

Sim; uma flor que diz que ha no Alem um thesoiro  
Por palavras que são ante-palavras d'oiro!

COLOMBINA

Isso mesmo, Pierrot; uma divina flor  
Digna de ti, de mim, digna do nosso Amôr!

## O GRITO DAS SEREIAS

Iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... á... á... á!...

## SCENA OITAVA

CORINA, *de volta e ainda no terraço:*

As sereias  
Que inquietas estão esta noite!

COLOMBINA, *com impaciencia:*

Encontraste-a, Corina? Ah! deixa-a ver ...

CORINA, *com a rosa occulta  
entre o chaile:*

A rosa...

Trago-a occulta por ser uma flor mysteriosa!  
Que emfim, lá como vós dissestes, Colombina,  
Não viesse ella alarmar, com sua voz divina,  
Os astros que no Ceu dormem seu quieto somno!

COLOMBINA

Dá-m'a.



*Para Pierrot e ostentando a rosa de papel:*

Eil-a, Pierrot! a rosa de Abandono,  
De Segredo e Mysterio; interprete dos Ceus...  
—Flor:—Alma da amplidão! flor:—Coração de um deus!

*Remirando-a:*

O seu perfume é o meu, e é toda azul, repara,  
Não existe outra igual; é a rosa mais rara!

*Dando-a a Pierrot:*

Guarda-a, guarda-a, Pierrot, que n'essa rosa azul,  
O meu sonho enche o Ceu, o Ceu do norte ao sull!

#### O GRITO DAS SEREIAS

Iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... á... á... á!...

CORINA, *retirando-se e já no terraço,*  
*em rythmo sempre igual:*

As sereias  
Que inquietas estão esta noite!

PIERROT, *prophético:*

Pierrette, se o teu sonho enche o Ceu n'esta flor,  
Ella ha-de inda florir com petalas de amor!  
Florir e despertar como tudo que existe

Divinamente alegre ou humanamente triste!

SCÈNA NONA

ARLEQUIM, *que tem ouvido á E. F.*  
*as ultimas palavras de Pierrot:*

Não, Colombina, não! Esses teus olhos verdes  
Mergulham n'um abysmo, abysmo em que te perdes!  
Pois não vês que a alma d'elle é abysmo sem fundo,  
Abysmo que medeia entre este e um outro mundo?!

COLOMBINA, *querendo evitar conflicto:*

Deixa-o fallar! É torpe!...

PIERROT, *com irritação:*

O verme anda de rastros,  
A sua voz profana a quietação dos astros  
E o seu gesto amedronta o luar que se esconde!

ARLEQUIM, *trocista:*

Ha-de um dia acordar... Mas acordar aonde?!  
Uma flor de papel...! Vós sois louco, Pierrot!  
Como pode acordar o que nunca acordou?!

PIERROT, *com crescente exaltação:*

Calai-vos já, vilão! Ó lingua viperina,  
Cujo halito vicia a Noite christalina!

COLOMBINA

Deixa-o... Não faças caso! Elle não sabe olhar  
O Mysterio que afasta as cortinas do luar  
Nas ogivas do Ceu, para espreitar a Vida...  
Ou presentir no Olympo a Terra Promettida...  
Elle não comprehende o teu Credo!

ARLEQUIM, *com ironia e mal contida raiva:*

Talvez;

Porque tenho juizo!

COLOMBINA, *interpondo-se entre Arlequim  
e Pierrot:*

Ah! deixa-o...

PIERROT, *para Colombina:*

Mas não vês

Que esta toupeira vil, enche de algidos medos  
O Espirito da Praia a olhar pelos rochedos?!...



ARLEQUIM, *em ar de triumpho:*

O Espirito da Praia...?! Ouve bem, Colombina!  
É louco, tu bem vês!

COLOMBINA

Sim, loucura que ensina...  
Pudesses, Arlequim, apprender tu com elle!

ARLEQUIM, *com estupefacção  
e redobrada ironia:*

Quê...?! Tambem crês que acorde a rosa de papel?!  
Pois bem; dize-lhe então, Pierrette, serei tua...  
— Jurando-o pelos Ceus, pelo Sol, pela Lua —  
No dia em que desperte a rosa de papel;  
Então me possuirás... — verás o que diz elle! —  
Mas n'esse dia, só! porque até lá, enfim,  
Não serei de ninguem ou serei de Arlequim!

*Breve pausa:*

Não, não te fies, Pierrette; esses teus lindos olhos  
Mergulham n'um abysmo onde ha somente abrolhos!  
Pois tu não vês, Pierrette, ó ingenua e innocente,  
Que elle é louco varrido e loucura somente  
Tudo quanto disser por mais que te deleite

*Em ar de troça e apontando para Pierrot:*  
Este vulcão a arder n'um sorvete de leite!

COLOMBINA, *segurando Pierrot:*

Pierrot, não faças caso, eu t'o supplico! a affronta  
N'elle recai...

PIERROT, *avançando para Arlequim:*

Ah! não; sua voz amedronta  
O luar que se occulta. O Espirito da Noite  
Exige que o repare! Elle pois que se afoite...  
A mim!

ARLEQUIM, *satisfeito:*

Ora inda bem; teremos um duello!

COLOMBINA, *cingindo Pierrot:*

Não vás, Pierrot; não vás...

PIERROT, *desembaraçando-se  
de Colombina:*

Larga-me; irei vencê-lo!

ARLEQUIM

Duello como foi o de Turnos e Eneias...

*N'um desafio:*

Alem, Pierrot!

PIERROT, *correndo para o F.*  
*e elevando a voz:*

Serão madrinhas as sereias!

ARLEQUIM

Vamos...!

COLOMBINA, *n'uma supplica:*

Não vás, Pierrot!

ARLEQUIM

Anda, se és destemido!

PIERROT, *resoluto:*

Um punhal!

ARLEQUIM, *apresentando-lh'o*  
*e a um escudo pequeno que já trazia comsigo,*  
*occultos, ficando com outro punhal*  
*e outro escudo semelhante:*

Eil-o e escudo! Eu vinha prevenido.



PIERROT, *dirigindo-se para o local apontado:*

Vamos; hei-de matar-te!

ARLEQUIM, *sustendo-o:*

Um momento.

PIERROT

Receias?!...

ARLEQUIM

Á fé, que não; mas ouve...:—entre Turnos e Eneias,

Uma combinação se fez primeiramente:

—Um premio ao que vencesse, um premio ao mais  
valente;

Como deves saber o premio foi Lavinia...

PIERROT, *interrompendo-o  
bruscamente:*

Nosso premio será...?!

ARLEQUIM, *concluindo:*

Pierrette!

COLOMBINA, *occultando o rosto entre as mãos  
e dolorosamente:*

Que ignominia!

PIERROT, *decidido:*

Á lucta, pois!

ARLEQUIM, *dirigindo-se para o fundo:*

Alem!

COLOMBINA, *n'uma ultima supplica:*

Não vás, Pierrot! Tu vais?!

*Cahindo nos degraus, soluçando:*

Velai, velai por elle ó deuses immortais!

O GRITO DAS SEREIAS

lál... iál... iál... iál... iál... iál... á... á... á!...

SCENA DECIMA

CORINA, *que surge nos degraus,  
de olhos no chão:*

As sereias

Que inquietas estão esta noite!

*Reparando na lucta que se trava já ao fundo da  
scena, entre Pierrot e Arlequim:*

Que é isto, Colombina?! Um duello? E vós sabeis...?!

PIERROT, *erguendo o punhal:*

Has-de morrer, vilão!

ARLEQUIM, *n'um gesto igual:*

Livrai-vos se podeis!

*Cravando-lhe o punhal:*

Nem Hercules vos vale!...

PIERROT, *cambaleando e deixando cahir  
o punhal da mão:*

Ah! Colombina...

ARLEQUIM, *triumphante:*

Emfim!

PIERROT, *dirigindo-se para Colombina  
que corre ao seu encontro:*

Colombina... Pierrette...



COLOMBINA, *n'uma expressão de Dôr e Odio,*  
*para Arlequim que sorri satisfeito:*

Ah! maldito Arlequim;  
Miseravel que sois! Matastel-o vilão?!

ARLEQUIM, *cynicamente:*

Foi um golpe certo em pleno coração!

*Pierrot cambaleia com o peito manchado de sangue*  
*e Colombina sustem-n'o entre os braços.*

COLOMBINA, *toda inclinada para elle*  
*e dolorosamente:*

Ó meu Sonho d'Amor!

PIERROT, *n'uma expressão mortal*  
*para Colombina:*

Deusa que me soccorres,  
Beija-me! Um beijo teu...

COLOMBINA, *n'um desvairamento:*

Ah! meu Pierrot, tu morres?!...

PIERROT

Que importa, Colombina?!...

COLOMBINA, *em choro convulsivo:*

Ó todo de Harmonia...!

PIERROT, *n'um derradeiro esforço  
erguendo a voz:*

— A rosa de papel ha-de acordar um dia!...

O GRITO DAS SEREIAS

Iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... iá!... á... á... ál...

CORINA, *a meio da escadaria, em tragica attitude e  
em rythmo sempre egual:*

As sereias...

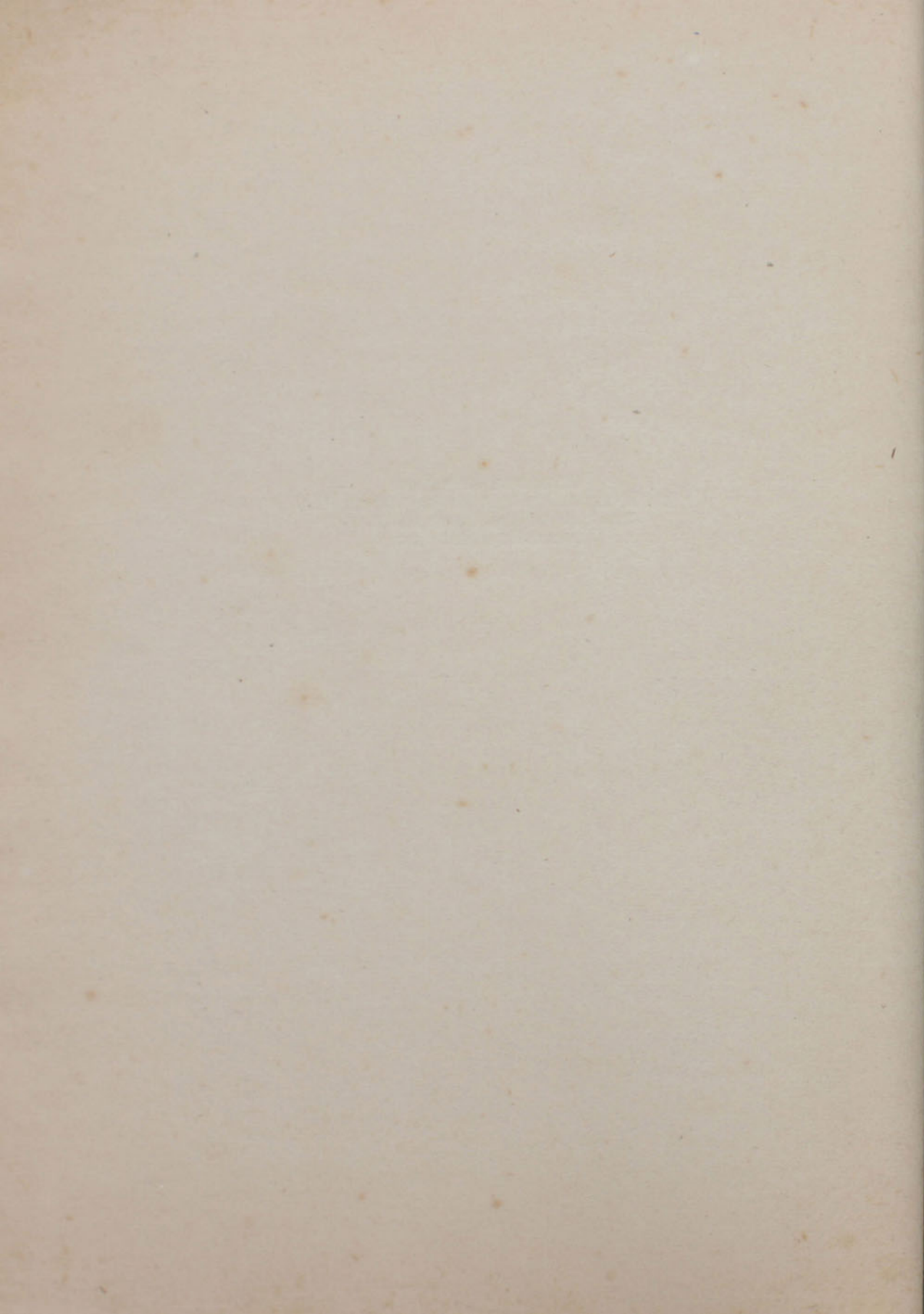
Prediziam desgraça esta noite!

PANNO



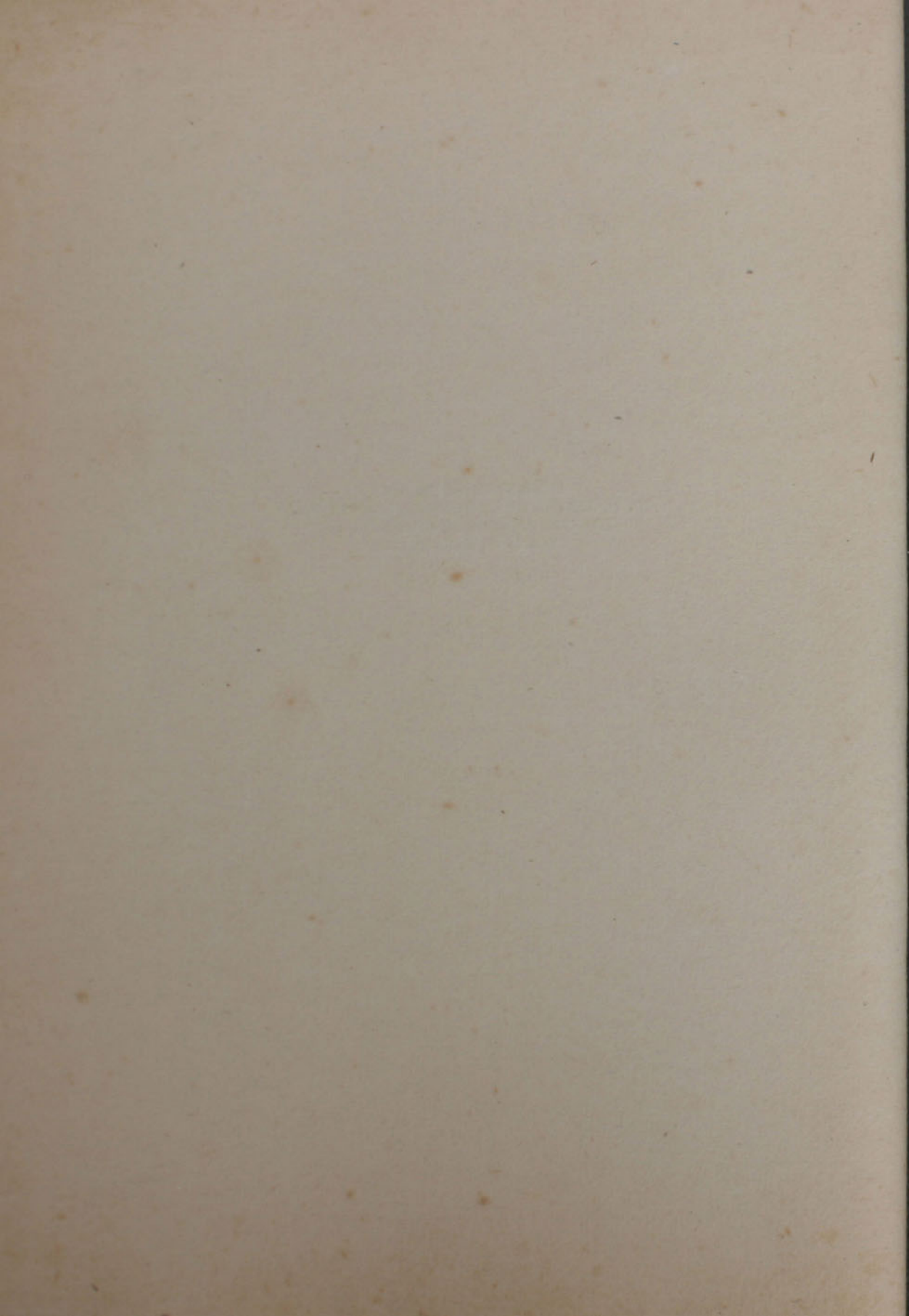


ACABOU DE SE IMPRIMIR  
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»,  
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,  
AOS 18 DE MAIO DE 1917.









AUGUSTO DE SANTA-RITA

# PRAIAS DO MYSTERIO

POÊMAS



MCMXVI

160 pag. — EDIÇÃO DE LUXO

PREÇO: 80 centavos (800 réis)

À VENDA NA

LIVRARIA FERREIRA

132 a 134, RUA AUREA, 136 a 138

LISBOA



